



DIZ-ME QUE

Sim

Melanie Harlow

TOP
SEL
LER

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY E DA AMAZON

Para as Harlots
(*Vocês sabem quem são...*)

Aqueles dedos no meu cabelo
Aquele tentador olhar malicioso
Que me desnuda a consciência
É bruxedo...

E para esse não tenho defesa
O calor é demasiado intenso
E de que me serve o bom senso?

Carolyn Leigh

Um

Enzo

Chega um dia na vida de um homem em que ele entra numa sala cheio de esperança no coração e um anel no bolso, preparadíssimo para pôr um joelho no chão. Para jurar a sua devoção eterna. Para tomar na sua a mão da alma gémea e a pedir em casamento, prometendo amá-la, honrá-la e estimá-la para todo o sempre, até que a morte os separe, ámen.

Este não era o dia.

Contudo, eu tinha um anel no bolso — um lindo diamante solitário de 1,4 quilates num aro de ouro. Tinha feito um excelente negócio, porque o meu primo Paulie trabalha na joalheria e um infeliz qualquer acabara de o devolver. Claro que tinha gravado o nome de outra pessoa, mas o Paulie garantira-me que podia ser removido.

Pensando nisso agora, acho que devia tê-lo feito antes do pedido de casamento. Mas eu não andava a pensar bem — precisava de uma esposa, e precisava dela depressa.

Aconteceu tudo por causa desta tradição ridícula na minha família. Para herdar a empresa de construção da família — Moretti & Filhos —, o filho mais velho tem de «ter assentado» com uma mulher e, de preferência, ter um filho ou dois quando chegar aos 35 anos. O meu pai, que tem 68 e está preparado para se reformar, há anos que anda a ameaçar deixar o negócio ao meu irmão mais novo, o Pietro.

Maldito Pietro!

Apesar de ter 32 anos e de ser casado, com o terceiro *bambino* a caminho, *nunca* chega a horas, é o cúmulo da desorganização e demasiado mole para ser um gestor eficaz. Os empreiteiros, os fornecedores e os clientes estavam sempre a abusar dele, porque odiava confrontos.

Não me entendam mal, é o meu irmão mais novo e adoro o gajo — e a minha sobrinha e o meu sobrinho são fantásticos — mas não é pessoa para gerir a nossa empresa, que vale muitos milhões de dólares.

Quanto a mim? Adoro confrontos. Não receio acusar alguém de me estar a lixar ou de lhe recordar o preço que tínhamos acordado ou os prazos com que tinha concordado. Sei ser encantador e ser uma besta. E sei fechar um negócio.

Pelo menos, pensava que sabia.

Mas isso foi antes do pedido de casamento.

Eu e a Rainha estávamos juntos há três meses, o que me parecia um período de tempo bastante decente para passar com alguém, embora talvez não fosse a melhor pessoa para o dizer, visto o compromisso a longo prazo nunca ter sido a minha onda. Não que eu fosse um sacana em relação a isso — sempre me certifiquei de que a mulher compreendia exatamente o que eu lhe podia oferecer (um tempo muito bem passado) e o que não podia (algo que se assemelhasse a uma relação).

Porém, à medida que os 35 anos se aproximavam e as ameaças do meu pai iam ficando mais reais, percebi que estava na altura de me fazer homem e pôr um anel no dedo de alguém.

Achava a Rainha uma candidata a Sra. Moretti tão boa como outra qualquer. Era nova — isto é, tinha feito 21 anos no dia anterior —, um pouco dependente demais do seu telefone e por vezes eu não fazia a mínima ideia do que ela estava a dizer, mas cumpria todos os outros requisitos. Era bonita, não era maluca, dava-se bem com a família e a mãe dela tinha 40 e tal anos e ainda tinha bom aspeto. Que mais podia eu pedir?

Também cumpria os requisitos dos meus pais: Católica. Italiana. A minha *Nonna* conhecia a *Nonna* dela.

Estava apaixonado por ela? Não. Mas o amor era algo que se desenvolvia com o tempo, não é verdade? Embora não tivesse a certeza, visto nunca ter estado apaixonado, parecia-me ser algo em que nos íamos instalando, como um sofá que ao princípio é um bocadinho rijo, mas se torna mais confortável quanto mais nos sentamos nele. Achava que acabaríamos por chegar lá.

O mais importante, naquele momento, era garantir o meu lugar no topo da Moretti & Filhos, onde trabalhei todos os malditos dias da minha vida desde os 14 anos. Não dedicara todo este sangue, suor e lágrimas ao crescimento de um negócio para o ver ir para as mãos do Pietro, e diabos me levassem se ia ser o único filho mais velho em cinco gerações que falhava a herança. Se precisava de ter uma mulher e um filho para isso, eu arranjava uma mulher e um filho.

Não era assim tão difícil, pois não?

Afinal de contas, era um pouco mais do que eu julgava.

Para celebrar o aniversário da Reina, tinha-a levado a jantar ao DiFiore's, que, além de ser o restaurante italiano mais simpático da vila, pertencia ao primo da minha mãe, o Big Tony. Tinham-nos dado a melhor mesa. Com velas e tudo. Música suave. Quanto a mim, usava fato e gravata novos. Tinha cortado o cabelo e aparado a barba. Cheirava bem como o raio, o meu cabelo ondulado fazia aquela cena à frente e vestira a minha roupa interior da sorte.

Estava tudo a conjugar-se.

Esperei que a empregada de mesa, a minha prima Lara, levantasse os pratos da sobremesa, endireitei-me na cadeira e pigarreei. Sentia um pequeno aperto na barriga, mas ignorei-o.

— Então, que tal está a ser o teu aniversário?

A Reina sorriu-me e sacudiu o cabelo negro, comprido e liso.

— Fantástico. Obrigada pelo jantar. O *ravioli* estava delicioso.

— Não tens de agradecer. — Olhei para o seu copo de vinho e percebi que ainda estava bastante cheio. Eu tinha esbanjado numa garrafa cara de *Barolo*, que me parecia valer cada cêntimo. — Não gostaste do vinho?

— De verdade? — Ela encolheu os ombros. — Não sou bem uma pessoa de vinho tinto. Mas não queria ser mal-educada.

— Não é mal-educado pedires o que queres — disse eu. — Vamos mandar vir o que te apetece.

— Posso só beber uma *Coca-Cola Diet*?

— Claro. — Depois de fazer sinal à Lara, pedi uma *Coca-Cola Diet* para a Reina e, quando esta chegou, deixei-a beber um gole através da palhinha e recomecei.

— Então. É o teu aniversário.

— Sim. — Ela relanceou o telemóvel, que estava em cima da mesa.

— Queres o teu presente?

Ela sorriu como uma criança a quem tivessem oferecido um doce.

— Trouxeste-me um presente?

— É possível. — Inclinei a cabeça, fazendo a minha expressão mais irresistível.

— Enzo, não precisavas de me comprar nada. Trouxeste-me a jantar fora.

— Escuta, só se faz 21 anos uma vez na vida. Eu queria que fosse memorável.

— Ohhh. Isso é tão querido.

Meti a mão no bolso do casaco e tirei a caixa. Abrindo-a, virei-a na direção dela e arqueei uma sobrancelha.

— Então? O que é que dizes?

Ela ficou de boca aberta. Arregalou os olhos para o diamante como se fosse uma aranha gigante pronta a atacá-la.

— O que é isso?

— É um anel de noivado. — Inspeicionei o interior da caixa, para me certificar de que estava mesmo lá.

— Eu... isso vejo eu. Mas porque estás a mostrar-me um anel de noivado neste momento?

— Bem... porque sim. — De repente fiquei cheio de calor e a suar, e alarguei o nó da gravata. — Quero ficar noivo.

— Meu noivo?

— Sim. — Pigarreei. — Quero ser o teu noivo.

— Mas... nem me pediste em casamento.

— Pedi, sim.

— Não, não pediste. Só me mostraste o anel.

— Oh. Nesse caso é melhor pedir. — Mas primeiro enfiei dois dedos no colarinho da camisa branca e puxei. — Então, casar comigo?

Ela olhou-me por um momento e cerrou os lábios.

— Bem, isto é embaraçoso. Mas não.

— O quê? — Pestanejei. — Como assim, não?

— Assim, não. Não caso contigo. Só namoramos há três meses, Enzo.

— Eu sei, mas o tempo voa e... em breve... em breve serão quatro meses.

Ela parecia confusa

— Hã?

— Olha, eu sei que isto pode parecer um bocadinho... repentino — disse, puxando outra vez o colarinho. — Mas eu gosto mesmo de ti.

— Gostas?

— Claro.

Cruzando os braços diante do peito, a Reina abriu muito os olhos, com desconfiança.

— Então porque é que nunca tentaste nada?

— Como assim?

— Quer dizer, beijaste-me, mas mais nada. E das poucas vezes que tomei a iniciativa para algo mais, recuaste.

— Estava a tentar respeitar-te. — Peguei na minha água com gelo e bebi uma grande quantidade. — Queria que soubesses que estava disposto a esperar.

Ela abanou a cabeça, como se não compreendesse.

— Eu sei, mas... é esquisito para mim. Até pensei que fosses *gay*.

— Só porque alguém não quer ter sexo contigo, isso não significa que seja *gay* — revidei, chateado. — E o que é que tem de esquisito querer respeitar a rapariga com quem vou casar?

Ela revirou os olhos.

— Enzo, por amor de Deus. Nós não vamos casar-nos.

— Porquê?

— Para começar, só tenho 21 anos. Há coisas que quero fazer com a minha vida. E quando me casar, se me casar, quero que o meu marido seja alguém que me respeite, mas também que não consiga tirar as mãos de cima de mim. Alguém que me *ame*.

— Amor — desdenhei, franzindo a testa. — O que é isso, afinal?

— É uma coisa que devias sentir pela pessoa que estás a pedir em casamento. E... o que é isso, gravado no anel? — Arrancou o anel da almofada de veludo antes de eu poder impedi-la. — Diz *Amor Para Sempre, Ricky*.

— Hum...

— Tu estás... — Olhou para o anel e depois para mim, com incredulidade. — Estás a pedir-me em casamento com o anel de outra pessoa?

— Posso explicar — disse, embora percebesse que qualquer explicação para aquela gravação soaria pessimamente.

— Não te incomodes. — Suspirando, ela enfiou novamente o anel na ranhura e empurrou a caixa na minha direção. — Afinal, não tem importância.

Humilhado, fechei a caixa.

— Caramba. Estraguei mesmo tudo, não foi?

— Sim. Estragaste. Mas o problema não foi o anel. — A Rainha inclinou-se para a frente, estendeu a mão por cima da mesa e tocou-me no braço. — Não estou apaixonada por ti, Enzo. E tu não estás apaixonado por mim, pois não? — Sem tirar os olhos da toalha da mesa, abanei a cabeça. — E, na verdade... — Ela retirou a mão e suspirou. — Acho que isto não vai resultar. Tu és um bocadinho... velho para mim.

Levantei a cabeça bruscamente.

— Hã?

— Não que sejas velho em geral — disse ela rapidamente. — És só velho para *mim*.

Eu concordava completamente com ela, claro, mas não gostei de ouvir aquilo. Estendendo a mão para o meu copo de vinho, dei uma série de golos que me custaram uma fortuna.

A Rainha verificou o telemóvel.

— Escuta, obrigada pelo jantar e... e tudo, mas acho que é melhor deixarmos de nos ver.

— Está bem — disse eu, emborcando mais *Barolo*.

— Os meus amigos estão no The Topsy Canoe, do outro lado da rua — disse ela, referindo-se a um bar que abrira recentemente em Bellamy Creek e era popular entre os miúdos mais novos. — Por isso acho que vou lá ter com eles.

— Deixa-me ao menos levar-te de carro. — Pousei o copo vazio, peguei na carteira e olhei em volta à procura da Lara para poder pedir a conta.

— Não, a sério, fica e acaba o vinho. Prefiro ir a pé. — Deslizou para fora do banco e meteu a mala debaixo do braço. — Sem ressentimentos, certo?

Tentei sorrir, mas foi um esforço pouco frutífero.

— Sem ressentimentos.

— Fantástico — disse ela, voltando a olhar para o telemóvel. — A gente vê-se. — Estava a escrever qualquer coisa enquanto se afastava.

Carrancudo, enfiei a caixa do anel no bolso do casaco e estava a deitar mais vinho para o meu copo quando a Lara apareceu junto da mesa.

— Eh — disse ela, parecendo surpreendida. — Vi a tua namorada a sair. Deixou-te, ou quê?

— Decidimos mutuamente seguir caminhos separados — menti.

— Esta noite? Ou em geral?

— Em geral.

— Ah. — Ela fez uma pausa. — Estás bem?

— Estou ótimo. — Mas não estava. Os meus planos para o futuro tinham acabado de ser eviscerados, e a culpa era toda minha.

— Queres a conta, para poderes sair daqui? — perguntou a Lara, compreensiva.

Encolhi os ombros.

— Não. Não tenho aonde ir. A menos que precises da mesa, fico aqui sentado como um velho a beber vinho sozinho. Aliás, deve ser o que vou fazer para o resto da minha vida. Mais vale que me habitue.

— Oh, vá lá. Sabes que não vais ficar sozinho muito tempo. — A Lara deu-me uma palmadinha no ombro. — Mas fica o tempo que quiseres. Se precisar de te pôr fora, aviso-te.

— Obrigado. Deixo-te uma boa gorjeta.

Ela piscou-me o olho.

— Eu sei que deixas.

Novamente sozinho, bebi o meu vinho e fitei a luz trémula da vela, perguntando-me onde diabo tinha errado. Era culpa minha não estar apaixonado pela Reina? Devia ter fingido que estava? Devia ter dormido com ela para o «provar»? Este era um perfeito exemplo dos meus motivos para fugir de relacionamentos.

As mulheres eram confusas, enfurecedoras, caprichosas e temperamentais. Diziam uma coisa e faziam outra. Esperavam que um homem soubesse exatamente como agir e o que lhes dizer. Queriam leitores de mentes, não homens. E depois, quando um homem fazia ou dizia algo errado, ou *falhava* em dizer ou fazer a coisa certa, lançavam-se numa fúria e atiravam-lhe pratos à cabeça ou davam-lhe um tratamento de silêncio durante dias. Os meus pais tinham acabado de celebrar trinta e seis anos de casamento, por isso eu sabia em primeira mão como o casamento funcionava. As mudanças de humor da minha mãe e o seu temperamento explosivo punham o meu pai a trepar pelas paredes, e ele por vezes podia ser verdadeiramente teimoso, beligerante e sacana. Estou a falar de trinta e seis anos de brigas aos gritos, de bater de portas e ameaças de sair de casa ou mudar as fechaduras.

Não que alguma vez o concretizassem. Que caraças, tenho cinco irmãos mais novos — dois rapazes e três raparigas. E quando os nossos pais não estavam a brigar, todos concordávamos que era *embaraçosa* a forma como não conseguiam tirar as mãos de cima um do outro. Mas era sempre um extremo ou o outro — como é que alguém conseguia viver assim? Qual era o interesse?

— Olá. Este lugar está ocupado?

Quando eu achava que a noite não podia piorar, levantei os olhos e vi a Bianca DeRossi — praticamente a minha pessoa *menos* favorita no universo — ao lado da mesa, com um copo de vinho na mão.

— Não parece estar — atirei-lhe.

Ela sorriu e sentou-se à minha frente.

— Obrigada, tenho todo o gosto em juntar-me a ti.

Carrancudo, terminei o vinho que tinha no copo e servi o resto da garrafa. Normalmente nunca seria tão rude com uma mulher, mas a Bianca não era uma mulher normal. Conhecíamos-nos desde que éramos miúdos — as nossas famílias eram amigas — mas ela tinha sido sempre uma ranhosa, de nariz metido nos livros, que se achava demasiado inteligente para mim. Sempre que eu tentava falar com ela, fechava-se e ia-se embora. Uma vez, os meus pais obrigaram-me a acompanhá-la a um baile na sua escola secundária católica só para raparigas — não me surpreendeu que ela não conseguisse arranjar um acompanhante sozinha — e ela levou a porcaria de livro na mala e passou o baile todo com o nariz enfiado nele. Então eu diverti-me convidando outras raparigas para dançar. Como podia saber que isso a enfureceria a ponto de dizer às amigas que eu tinha uma pila pequena? Como se alguma vez ela a tivesse visto!

Só soube o que ela tinha feito alguns anos mais tarde, quando tive um caso com uma das suas colegas de turma que professou uma agradável surpresa pelo tamanho generoso do meu material. Quando lhe perguntei porque é que ela pensava que eu podia ser algo menos do que bem dotado, contou-me o que a Bianca tinha dito.

Eu ainda estava danado com isso.

A Bianca vivera em Chicago depois da universidade, mas há um par de anos voltara para Bellamy Creek e retomara a tarefa que havia interrompido: irritar-me. Era *designer* de interiores e gostava de comprar e remodelar casas, tal como eu, e tinha conseguido ultrapassar-me em relação a todas aquelas em que tínhamos competido, agindo sempre com grande doçura, como se fôssemos velhos amigos.

Não éramos. Eu não a suportava. Já não era uma ranhosa de nariz nos livros, mas ainda sabia exatamente como irritar-me.

O que era ainda mais irritante?

Era *gira* à brava.

— Que fazes aqui? — perguntei.

— A minha família esteve aqui a jantar, é o aniversário do meu pai. Mas os jantares da nossa família são curtos porque a avó Vinnie tem 96 anos. Começa a adormecer passado uma hora.

— Ena! Noventa e seis! — Fiz uma pausa na minha irritação para apreciar uma vida longa.

— Sim. E casou-se aos 21, teve cinco filhos antes dos 30 e foi casada com o meu avô Jack durante setenta anos, até ele morrer. Algo que ela gosta de me dizer sempre que a vejo, logo antes de perguntar porque é que ainda estou solteira. — Bebeu um gole de vinho.

— Tenho algumas ideias acerca disso.

Por baixo da mesa, ela empurrou-me o pé com o dela.

— Então, e o que se passa contigo? Não te vi com uma namorada? Ou isso, ou estavas a fazer *babysitting*.

Olhei-a com fúria.

— Que graça.

Ela sorriu.

— Então, quem era ela? A tua namorada?

— Não. Acabámos.

Ela arregalou os olhos.

— Oh. Lamento saber.

— Não lamentas nada.

— Enzo, isto pode ser uma surpresa para ti, mas não sou tua inimiga. Nem se pode dizer que me desagrades... muito.

— Oh, a sério? Desde quando?

Ela encolheu os ombros.

— Desde que deixámos de ser miúdos imaturos e embaraçados, que não sabiam como ser amigos de alguém do sexo oposto?

— Fala por ti. Eu tinha muitas amigas.

Os seus olhos azuis brilharam à luz da vela.

— É verdade. Foste sempre um mulherengo.

Revirei os olhos.

— Adiante. Agora estou aqui sozinho, não estou?

— Por acaso esperas que tenha pena de ti? Como se não pudeses sair daqui agora e agarrar a primeira rapariga que visses? Não há

uma única mulher que consiga resistir aos teus encantos, Enzo. Esses olhos negros? Esse cabelo ondulado? O estilo Moretti?

— Aparentemente, perdi o jeito — murmurei, deitando o resto do vinho da Reina no meu copo.

Ela inclinou a cabeça para um lado.

— Eh, duvido disso. Mas tu não estavas mesmo interessado naquela rapariga, pois não?

Encolhi os ombros.

— Ela não era má.

— Podias arranjar melhor.

— Melhor não é a questão.

— Qual é a questão?

— Rápido.

— Porquê? — Ela riu-se. — Vais transformar-te numa abóbora à meia-noite?

— Não. Vou perder a Moretti & Filhos para o meu irmão Pietro se não me casar antes dos 35.

Ela ficou de boca aberta.

— A sério?

Em vez de responder, emborquei o resto do *Barolo* e pousei o copo com um estrondo.

— Preciso de outra bebida. Algo mais forte.

— Eu também — disse ela, terminando o vinho no seu copo.

Chamei a Lara e pedimos *cocktails* — um vodka martíni para a Bianca, e *bourbon* com gelo para mim. Assim que ela os trouxe, dei um gole e examinei a mulher à minha frente. Seria do vinho, ou ela estava ainda mais gira do que da última vez em que a vira?

Tinha uma pele tão branca que praticamente brilhava no escuro, cabelos ruivos cintilantes que lhe davam pelos ombros e refulgiam como ouro à luz da vela, olhos azuis que não perdiam pitada atrás de óculos de aros pretos e uma boca exuberante pintada de vermelho-carro-dos-bombeiros. O nariz e as orelhas eram pequeninos — na verdade, tudo nela era pequeno, e se bem me lembrava, ela detestava que fizessem piadas com isso.

— Que foi? — disse ela, começando a ficar desconfortável sob o meu olhar fixo. Tocou no cabelo. — Porque é que estás a olhar para mim assim?

— Estou a pensar o que é que os teus pais te deram para comer que afetou o teu crescimento.

Ela cerrou os lábios carmim e sentou-se mais direita.

— Sou de altura média, muito obrigada.

— Média para quê, um esquilo?

Ela deu um gole na bebida e estalou a língua.

— Sempre tão obcecado com o tamanho. Que podemos concluir daí, Dr. Freud? Tem medo de não estar à altura?

— Ei, foste tu que deste início ao rumor acerca do tamanho do meu... do meu material — disse eu zangado, inchando o peito. — Totalmente infundado, devo acrescentar.

— Está bem, está bem. — Ela pousou o copo e ergueu as palmas das mãos. — Está na altura de te pedir desculpa por isso.

— Não sei se aceito — respondi, obstinadamente. — Não podes insultar assim a virilidade de um homem, sem sequer a teres visto, e esperar que ele diga que não tem importância. Difamaste as joias da família.

Rindo, ela pôs o cabelo atrás da orelha.

— Peço muita desculpa pelo que disse, e não voltarei a difamar as tuas joias.

— Já agora, porque é que fizeste isso?

Ela pegou novamente no copo e deu um gole gracioso.

— Para me vingar de teres convidado todas as raparigas para dançar menos eu, claro.

— O quê? — Ri-me desdenhosamente. — Isso é ridículo. Tu não querias dançar comigo.

— Como sabes? Não perguntaste.

— Bianca, tu levaste um maldito *livro* contigo e passaste o tempo a ler.

Ela pôs as mãos no peito.

— *Crepúsculo* para mim não é apenas um *livro*, Enzo. É um mundo. Ainda o releio todos os anos.

— *Crepúsculo*? Isso não é acerca de um vampiro adolescente?

— Pelo menos esse vampiro era um cavalheiro.

Revirei os olhos.

— Como queiras. Recusaste, ao menos, falar comigo, e eu estava aborrecido, por isso convidei algumas raparigas para dançar. Achei que não fazia mal.

— Bem, magoou os meus sentimentos — disse ela, empinando o seu narizinho petulante na minha direção. — Eu já sabia que tu não querias estar ali. Sabia que os teus pais te tinham obrigado a acompanhar-me. E sentia-me horrível por causa disso, por isso a má atitude foi para esconder a minha humilhação.

— Bem, eu não sabia nada disso, porque nunca me disseste. Mas... peço desculpa por ter magoado os teus sentimentos.

— Desculpas aceites — disse ela. — Agora, vais aceitar as minhas?

— Acho que sim — resmunguei, dando mais um gole.

Ela iluminou-se com um sorriso.

— Obrigada. Então agora podemos ser amigos?

— Acho que podemos tentar — disse eu —, embora ainda não compreenda porque eras tão ativa nessa altura, sempre demasiado boa para falares comigo.

— Eu não era ativa, Enzo, era *tímida*! — exclamou ela, como se eu tivesse obrigação de saber. — E tu estavas sempre rodeado de miúdas a fazer olhinhos e a sacudir os seus cabelos longos e louros e a dar risadinhas como idiotas a tudo o que dizias. Só por não ser uma delas, não significa que me achasse demasiado boa para ti. Francamente, estou chocada pelo simples facto de tu te lembrares de mim nessa altura. Não se pode dizer que costumasses reparar quando eu estava numa sala, com o teu ego a ocupar todo o espaço à tua volta.

— OK, se calhar é melhor deixarmos o passado em paz — disse eu, lembrando-me das razões para não gostar muito dela. — Claramente, vamos sempre discordar.

— Para mim pode ser. — Tirou o palito do martíni e comeu uma das azeitonas. — Então, como está o teu ego esta noite? Talvez um bocadinho magoado, não?

— Está bom — disse eu, apertando o nó da gravata. — A Reina obviamente não era a escolha certa para mulher. Ainda bem que disse que não.

A Bianca começou a engasgar-se com a azeitona.

— Espera aí. — Abanou a cara e conseguiu engolir. — Tu pediste em casamento a... a... como é que se chama a pequenina?

— Reina. E tu não podes chamar pequenina a ninguém, *Minorca*.

Como eu esperava, a velha alcunha arrancou-lhe por momentos uma expressão carrancuda.

— Agora estamos a falar de ti. Pediste-a mesmo em casamento esta noite? Tipo, com um anel?

Suspirei, arrependendo-me de ter falado nisso.

— Sim.

Os olhos dela iluminaram-se.

— Deixa-me vê-lo.

— Não.

— Porquê?

— Porque tu só queres esfregar sal na minha ferida.

— Bolas, Enzo. Tu não estás ferido. Nem sequer amas aquela rapariga, só precisavas de lhe pôr um anel no dedo para o teu pai pôr o teu nome no letreiro da empresa. — Estendeu a mão. — Agora deixa lá ver.

Algo me disse que me ia arrepender, mas tirei a caixa do anel do bolso do casaco. Ela pegou-lhe e abriu-a.

— É bonito — disse, com uma admiração ressentida. Depois semi-cerrou os olhos, subindo os óculos pelo nariz. — Mandaste-o gravar?

Peguei no *bourbon* e dei um grande gole.

— Não.

— Mas diz... — Ela pousou a caixa e tirou o anel do veludo para ver mais de perto. Depois desatou a rir. — *Amor para sempre, Ricky?*

— Dá cá isso. — Inclinei-me para a frente e tentei arrebatá-lhe o anel da mão, mas ela segurou-o fora do meu alcance.

— Só um segundo! Quero experimentá-lo.

Recostei-me com força, peguei novamente na bebida e acabei-a. Poderia esta noite piorar ainda mais?

A Bianca enfiou o anel no dedo — servia-lhe — e estendeu a mão, examinando-o.

— Então, o que é que disseste?

— Fiz o pedido.

— Mas como? Tipo, «És o amor da minha vida e quero ficar contigo para sempre»?

— Hum, não exatamente. Eu não queria mentir-lhe. Eu só... pronto... dei-lhe o anel. — Fiz um gesto grandioso com uma mão.

— Mas deves ter dito alguma coisa.

— Que diferença faz? — perguntei com irritação.

— Olha, só estou a tentar ajudar-te. Obviamente estragaste esta noite, mas tu próprio admitiste que tens de encontrar uma Lucy para o teu Ricky o mais depressa possível, não é?

Olhei em volta à procura da Lara. Precisava de outra bebida. E depois de uma boleia para casa.

— Não é? — A Bianca bateu-me com o pé por baixo da mesa, mais uma vez. — Então deixa-me ajudar-te.

— A única maneira de me ajudares é casares comigo — resmunguei, chamando a Lara. — E como isso está fora de questão, a nossa conversa acabou.

— Bem, calma aí. Quem disse que estava fora de questão?

Fitei-a como se lhe tivessem nascido chifres.

— Hum?

A Bianca continuou a examinar o anel no seu dedo.

— Só estou a pensar alto. Mas parece-me que ambos temos um objetivo e ambos podem ser concretizados com uma simples, e falsa, relação.

Abanei a cabeça, tentando clareá-la, mas o nevoeiro permaneceu.

— Eu sei que estou bêbedo, mas de que raio estás a falar?

Ela suspirou e pegou no martíni para dar um gole.

— Estou a falar do facto de precisares de uma mulher para conseguires o que queres. Estou disposta a ser essa mulher, temporariamente e sob condições rigorosas, se tu estiveres disposto a dar-me o que eu quero.

Abanei a cabeça.

— Oh, não. Nem pensar. Estou a ver o que queres. Não te vou pagar para fingires ser minha mulher.

A Bianca revirou os olhos.

— Calma aí, Enzo. Não quero o teu dinheiro. Nem preciso dele.

— Nesse caso, não compreendo — disse eu, sentindo-me, mais uma vez, completamente perplexo com uma mulher. — O que é que tu podes querer que eu possa dar-te?

O sorriso que cresceu naqueles lábios vermelhos como o inferno devia ter sido um aviso.

— Um bebé.

Dois

Bianca

A expressão do Enzo era impagável.

— Um quê?

— Um bebé.

— Qual bebé?

— Meu. E... — Comi a segunda azeitona do palito. — Teu.

— Não tenho nenhum bebé.

Suspirei.

— Enzo, sei que estás um bocadinho embriagado, mas tenta acompanhar. Tu precisas de uma mulher. Eu gostava de ter um bebé. Um mais um pode dar três.

O Enzo continuava a olhar-me como se não soubesse quem eu era.

— Isso não faz sentido.

— Na verdade, faz todo o sentido.

Ele franziu a testa.

— Não quero casar contigo.

— Não queres casar com ninguém — corrigi.

— É verdade.

— Pelo menos, se casares comigo, há uma data pré-acordada para o fim do contrato. Só temos de permanecer casados tempo suficiente para conseguir o que tu queres. — Comi a terceira azeitona. — E o que eu quero, claro.

— Esse é o outro problema. Que história é essa acerca de um *bebé*?

Mesmo com a consternação a franzir-lhe a testa e a cerrar-lhe os maxilares, ele era estupidamente bonito. Sempre tinha sido. Pigarreei.

— Bem, o bebé é algo em que ando a pensar há algum tempo. Sempre quis filhos, mas ainda não encontrei *o tal* e, infelizmente, para uma mulher, o relógio biológico é uma coisa real. E o meu está a contar.

— Que idade tens?

— Vou fazer 33 no mês que vem.

— Não és velha. A minha mãe teve o meu irmão Matteo quando tinha 38, ou algo assim.

— Tenho alguns problemas reprodutivos adicionais, OK? — Senti-me desconfortável a discutir isto com ele, e bebi mais um gole de martíni. — Sem entrar em pormenores, direi apenas que era melhor para mim tentar engravidar mais cedo. É provável que tenha dificuldades, pelo que pode ser pior adiar.

Ele parecia ir fazer uma pergunta sobre isto, mas calou-se e bebeu.

— Então como é que ia funcionar? Teríamos mesmo de...

— Não! — Pousei a bebida tão depressa que salpicou a toalha de mesa. — Seria feito numa clínica de fertilidade. Tu doavas o teu... tu sabes. — Dei por mim com dificuldades em dizer a palavra *esperma*. — Material genético.

Uma das suas sobrancelhas negras ergueu-se.

— O meu material genético?

— Sim. — A minha cara aqueceu e eu sabia que um rubor se alastrava pelas bochechas. — O procedimento chama-se inseminação intrauterina. Tu forneces... hum... o ADN, este é lavado e concentrado, e depois uma enfermeira procede... à sua colocação no meu útero.

— Oh, como aquela coisa com a proveta? Já ouvi falar disso.

Suspirei e sentei-me mais direita, sentindo-me como uma diretora a lidar com um aluno problemático.

— Sim, mais ou menos isso.

— Não parece muito *sexy* — disse ele, erguendo novamente o copo, mas não antes de eu ver o sorriso que lhe crescia nos lábios.

— Não é para ser *sexy* — disse eu rigidamente. — É ciência.

— Está bem, e depois? Tu ficas grávida do nosso bebé científico e eu divorcio-me de ti enquanto estás grávida? Nem penses nisso. Ia parecer um monstro.

— Podemos esperar até depois de o bebé nascer, se quiseres — disse eu apressadamente. — Só não sei quanto tempo vou levar até engravidar. Acho que podemos escrever no contrato que se eu não engravidar dentro de um certo período de tempo, o contrato é anulado.

O Enzo pensou por um momento e abanou a cabeça.

— Mas se engravidares, sou um cabrão se me for embora.

Levantei as mãos.

— Eu assumo a culpa. Sou eu que te deixo.

— Mas eu devo ter feito alguma coisa para te levar a deixares-me. Sou o cabrão em todas as tuas ideias — queixou-se ele. — Não. Se fizermos isso, teremos de fazer uma separação amigável. Ninguém fica com as culpas.

— Pronto, está bem. Separamo-nos como amigos.

— Nem sequer somos amigos agora.

Levantei uma mão.

— Então separamo-nos como não-amigos. Como queiras terminar as coisas, Enzo, eu concordarei. Desde que fique com o bebé.

O Enzo endireitou-se na cadeira.

— Essa é outra questão. A ideia é que eu dê o nome a este bebé e nunca mais o veja?

— Não disse nada disso. Podes ver a criança sempre que quiseres. Não vou mudar-me, nem nada disso. Quero viver perto da minha família, foi por isso que voltei para Bellamy Creek.

— Então eu seria... uma espécie de pai de fim de semana? — Ele pestanejou e olhou para longe, como se tentasse imaginar.

— Se quiseres.

Depois de uns sólidos trinta segundos a fixar o futuro, ele abanou a cabeça.

— Não sei. Não parece correto fazer isso a uma criança.

— Enzo. — Estendi a mão por cima da mesa e pu-la em cima da dele, fazendo-o olhar para baixo com surpresa. — Já há uns dois anos

que penso em ter um bebê sozinha. Pesquisei clínicas de fertilidade, analisei perfis de possíveis dadores, falei com a minha família e a minha psicóloga.

— O que é que eles dizem?

— A psicóloga compreende. A família não. — Cerrei os lábios. — São totalmente contra. Não imaginam porque é que eu hei de querer engravidar de um estranho ou criar um filho sozinha. Mas eles são católicos e antiquados, e querem para mim o que eles tiveram, e isso não vai acontecer, pelo menos, a tempo de eu ter um bebê. Sei que posso sempre adotar, e sem dúvida que o faria, embora ache que é mais difícil para uma mulher solteira do que para um casal. Admito que não fiz a pesquisa completa. Porque na verdade gostaria mesmo de ter a experiência de estar grávida e dar à luz, se puder. Sei que serei uma boa mãe. — Os olhos do Enzo estavam sobre as nossas mãos. Ele engoliu em seco. — Não imaginas as coisas que as pessoas me dizem — disse-lhe, com um nó a tentar formar-se na minha garganta.

Ele olhou para cima.

— Que género de coisas?

— Do género: «Na tua idade, devias reduzir os critérios e simplesmente arranjar um homem que se queira comprometer.» Ou então: «Se calhar terás de te contentar com um homem que já tenha filhos, se realmente os queres.» Ou: «És um mulher bonita. Não deve ser assim tão difícil arranjar alguém que te dê uma queca.»

— Alguém te disse isso? — O Enzo parecia ter ficado adequadamente horrorizado.

— Sim. As pessoas estão sempre a dizer essas tretas às mulheres.

— Foda-se. — Ele abanou a cabeça, como se não fizesse ideia do quanto as pessoas podem ser idiotas. Mas este não era o momento para uma lição sobre como a sociedade trata as mulheres e os seus corpos.

— Deves estar a perguntar-te *Porquê eu?* — prossegui. Na expressão dele vi a combinação que conhecia tão bem: três partes arrogância e uma parte diversão.

— Nem por isso.

Rindo, retirei a mão.

— Bem, mas eu digo-te na mesma.

— Por favor. — Bebericou o *bourbon*, sabendo que ia gostar de ouvir.

— Sei que tivemos os nossos conflitos no passado, mas já nos conhecemos há muito tempo, e isso é importante para mim. As nossas famílias são amigas há muito tempo. Existe confiança, lealdade e respeito. Há uma história de... as pessoas estarem lá umas para as outras. E estava a pensar que, mesmo com o nosso passado complicado, nos apoiaremos um ao outro. Não achas?

Ele bebeu mais um pouco e agitou o que restava no copo.

— Nada é mais importante para mim do que a família. Isso é verdade.

— Acho que por baixo de tudo o resto, partilhamos os mesmos valores familiares tradicionais, apesar de alguns ajustes modernos — disse eu. — Não acho que uma mulher precise de ser casada para ter um bebé, e tu não achas que um homem tenha de ser casado para herdar o negócio da família.

O Enzo refletiu por um momento.

— Mas também acredito na honestidade, e esse teu plano envolve mentir às nossas famílias e amigos. E os meus amigos mais próximos são como família para mim.

— Eu sei, e não adoro essa parte. Mas gosto disso em ti — acrescentei. — O facto de hesitares antes de enganares as pessoas que amas. Faz parte do que me leva a querer que sejas o pai do meu bebé, apesar do teu ego enormemente inchado. Lá *mesmo* no fundo, enterado sob camada após camada de vaidade, orgulho e presunção...

— Está bem, está bem. — Ele tentou calar-me com uma mão. — Basta.

Eu sorri e continuei.

— Lá no fundo, acredito que sejas um homem decente. Honrado. De confiança. Protetor daqueles que amas.

— Não te esqueças da minha cara — disse ele, exibindo o olhar escaldante do Enzo Moretti, que provavelmente derreteu mais cuecas do que as que eu já tive.

— A tua cara? — Semicerrei os olhos, como se não tivesse realmente considerado o facto de ele ser o tipo mais bonito que conhecia. — Acho que é razoavelmente atraente. Nunca a examinei com muita atenção.

Ele riu-se, abanando a cabeça.

— Muito bem, que assim seja. Doarei a minha aparência razoável ao teu bebé-proveta.

— A sério? — O meu coração começou a acelerar.

— Porque não? — Ele encolheu os ombros, como se estivesse a concordar em sair para comer *pizza* comigo. — Não sei se vamos conseguir enganar alguém, mas que se lixe. Não tenho nada a perder. Quero ser pai e não estou a ir para novo. E casar contigo a fingir parece-me melhor do que casar a sério com alguém, desde que seja temporário.

— Acho que é a melhor proposta que vou obter, não? — Olhei para o anel no meu dedo. — Bem, Ricky, acho que arranjaste uma Lucy.

*

— Fizeste *o quê?* — A Ellie, a minha irmã mais nova, quase caiu para trás na passadeira ao meu lado no ginásio. Teve de se segurar aos suportes para manter o equilíbrio.

— Pedi ao Enzo Moretti para ser o pai do meu filho e, em troca, ofereci-me para casar com ele.

— Que raio, Bianca? — A Ellie trocou os pés e quase se desequilibrou outra vez. — Porque fizeste semelhante coisa? Parece psicótico.

— Não é psicótico. Na verdade, é muito lógico. — Aumentei a minha velocidade de um passeio vigoroso para um *jogging* ligeiro. — Vai proporcionar aos dois exatamente aquilo que queremos, com o bónus de ser uma situação temporária.

— Temporária? Da última vez que verifiquei, um bebé é para sempre.

Ri-me.

— Eu sei que um *bebé* é para sempre, mas o casamento não será. É só um casamento de conveniência. Está sempre a acontecer nos livros.

— Pois, mas isto não é um livro, Bianca, é a vida real. O que estás a dizer parece insano! Um casamento falso?

— Chiu — repreendi, olhando em volta para me certificar de que ninguém ouvira. Eram nove da manhã de um domingo e o ginásio não estava muito cheio, porque a maioria das pessoas ainda estava na igreja. Eu tinha ido à missa na tarde anterior com a minha família, antes do jantar. Não me podia dar ao luxo de faltar, visto andar a pedir a Deus um grande favor para os próximos meses... possivelmente um quase milagre, se o meu especialista em fertilidade estivesse certo. — O casamento não será falso, só os nossos sentimentos.

— Nesse caso, para quê dares-te ao trabalho de um casamento real?

— Bem, falámos disso e concordámos que temos mesmo de nos casar para que isto resulte. O pai dele tem de se convencer de que é legítimo. Além disso, quero que seja legal, pelo bebé.

Ela abanou a cabeça.

— Isso é um disparate.

— Mas vai acontecer.

A Ellie digeriu as palavras enquanto aumentava a inclinação da passadeira. É três anos mais nova que eu e partilhamos o cabelo arruivado e os olhos claros da nossa mãe, embora ela mantenha o cabelo mais louro-arruivado e seja uns bons sete centímetros mais alta do que o meu metro e cinquenta e cinco. Em contraste, o nosso irmão mais novo, o JJ, é alto como o nosso pai e herdou também do pai o cabelo escuro e a pele morena. Eu e a Ellie queixávamo-nos todos os verões do lindo bronzeado dourado que ele adquiria facilmente enquanto nós ficávamos todas vermelhas se não usássemos mangas compridas e chapéus de abas largas na praia.

— Então, o que é que vais dizer à mãe e ao pai? — perguntou ela. — Não podes propriamente fingir que namoraste com ele este tempo todo.

— Pois não — concordei. — Por isso é que ainda não vou usar o anel.

A Ellie teve de se agarrar outra vez aos suportes.

— Ele já te deu um anel?

— Sim. — Não contive o riso. — As coisas avançaram rapidamente na noite passada. E é isso que vou dizer à família. Encontrámo-nos por casualidade no DiFiore's depois do jantar de aniversário do papá. Conversámos durante horas. Apaixonámo-nos loucamente.

A Ellie abanou a cabeça.

— Ninguém vai acreditar nisso.

— Ouve, preciso do teu apoio para isto — supliquei. — Tens de me apoiar, Ellie, caso contrário, concordo. Não vai resultar.

— Mas...

— Eu amparei-te quando contaste ao pai e à mãe acerca da Sierra — lembrei.

— Isso é diferente — argumentou ela. — Eu sou mesmo lésbica. Eu e a Sierra estamos mesmo apaixonadas. Tu estás a pedir que te apoie numa mentira.

— É verdade. Desculpa — disse eu, sentindo-me uma merda. — Mas queria mesmo ter-te do meu lado.

— Eu estou do teu lado. — Ela expirou sonoramente. — Não estou certa de que esta seja a melhor maneira de se ter um bebé, mas se estás determinada a fazê-lo, vou apoiar-te. Que tenho de fazer?

Atirei-lhe um grande sorriso.

— Apenas ficar publicamente feliz por mim. Eliminar qualquer dúvida que alguém levante de que isto não é verdadeiro. Ficar fascinada por ter acontecido e, no entanto, totalmente convencida de que é o destino.

— Isso é pedir muito. Não suportavas o Enzo Moretti quando éramos novas.

— Honestamente, ainda há algumas coisas nele que me irritam bastante — confessei. — Mas não preciso de o amar para isto. De facto, funciona melhor se não o amar.

— Como assim?

— Porque quando chegar o momento de terminar tudo, não ficarei destroçada. Sentir-me-ei muito bem por me ir embora. Além disso, nessa altura eu não o detestava propriamente — disse. — Só odiava o facto de as raparigas estarem sempre a tropeçar umas nas outras para estar com ele, e ele reter todas as atenções, como se fosse um *golden retriever*. Achava-o cretino e vaidoso.

— Compreendo.

— E talvez tivesse um bocadinho de ciúmes — admiti.

— Ciúmes? — Ela olhou-me com surpresa. — Dele?

— Mais ou menos. Ou talvez tivesse ciúmes daquelas raparigas namoradeiras. — Tentei encaixar as peças do puzzle. — Eu era só demasiado tímida. Queria que ele me desse atenção, mas não sabia como demonstrá-lo. Ele era tão bonito e confiante. Eu ficava com a língua presa junto dele. Então fingia que o detestava. Era mais fácil do que admitir que gostava dele. Percebes o que quero dizer?

— Acho que sim.

— Mas tudo isso é história antiga. Fizemos as pazes na noite passada e concordámos em deixar o passado lá atrás. O que importa é o futuro.

— Então, quando casam?

— Ainda não sei. Vamos discutir os detalhes do contrato durante o jantar de amanhã. Ambos temos algumas condições que queremos pôr por escrito.

— Isso é tão esquisito. Parece um contrato comercial, não um noivado.

— Sim, é exatamente isso. Está tudo claro acerca da missão, mas vamos esclarecer a nossa visão, definir o nosso propósito, discutir a cronologia.

— Oh, meu Deus. — A expressão da Ellie era de agonia quando colocou as mãos sobre o coração. — O romance está mesmo morto, não está?

— Não quero romance, Ellie — expliquei-lhe, começando a ficar frustrada. — Olha, eu tentei ter romance. Estive com o Tate cinco anos antes de perceber que ele nunca se casaria comigo, desperdicei

cinco anos da minha vida a acreditar nas mentiras dele e a deixá-lo desviar todas as conversas sérias que tentei ter acerca do futuro. E agora não há nada que eu não fizesse para recuperar pelo menos um desses anos. E se for demasiado tarde para mim?

— Lamento, B — disse a Ellie, um pouco mais doce. — Sei o quanto ficaste magoada depois do Tate. Se estás determinada a fazer isto, eu apoio-te.

— Estou mais do que determinada, Ellie. Quero ter um bebé e estou farta de esperar. Porque não hei de ter a experiência de ser mãe só porque não encontrei o amor verdadeiro? Eu estava disposta a recorrer a um dador anónimo, mas, felizmente, não tenho de o fazer. O meu filho pode mesmo conhecer o pai.

— E o Enzo está disposto a isso? — perguntou ela. — Criar um filho contigo?

— Ele disse que sim. — Hesitei, depois admiti o meu receio. — Mas ele estava bêbedo. Esta noite, quero ter uma conversa completamente sóbria acerca disso.

— Boa ideia. — Ela olhou-me de esguelha. — Que vais fazer se ele disser que não?

Respirei fundo, exalei e aumentei para velocidade de corrida.

— Sigo em frente. É a beleza disto, Ellie. Não vou entregar o meu coração ao Enzo Moretti para ele o partir.

Ela pensou por um momento.

— Então vais mesmo fazer *aquilo* com ele?

— Não! Será na mesma inseminação artificial. Ele só vai fornecer o esperma.

Ela riu-se.

— Que pena. Acho que, se vais casar com um tipo tão giro como o Enzo Moretti, devias pelo menos retirar daí alguns benefícios, como vê-lo nu.

— Não quero vê-lo nu — disse eu. Mas então tive de baixar a velocidade da passadeira.

Estava a ter problemas em respirar e sentia o meu coração a bater um pouco depressa demais.

O Enzo bateu à minha porta nessa tarde pouco depois das seis.

Vivo no rés do chão de um condomínio mesmo no porto, que adoro, apesar de ser pequeno — apenas 270 metros quadrados — e nunca consegui comprar um barco para colocar no espaço que me fora atribuído. Mas era o tamanho perfeito para uma pessoa, com uma cozinha e sala em espaço aberto, dois quartos e uma casa de banho grande e outra mais pequena. E visto que eu não planeara ter um colega de casa ao voltar para Bellamy Creek — muito menos um marido —, na altura parecera-me uma boa aquisição.

Perguntei-me onde viveria o Enzo. Eu teria de desistir do meu apartamento e ir viver com ele? E para onde iria quando me separasse? Antes mesmo de lhe abrir a porta, percebi que havia muitas peças deste puzzle que ainda tínhamos de encaixar.

Quando o vi à porta, ignorei o pequeno *cabum* que sentia no peito sempre que o via. Provavelmente todas as mulheres que punham os olhos nele sentiam esse *cabum*.

— Olá — disse-lhe. — Entra.

Ele entrou e eu fechei a porta contra o frio dos finais de fevereiro.

— Isto é para ti — disse ele entregando-me uma garrafa de *Nebbiolo*. — É um dos meus favoritos, mas não me deixes beber. Ainda me dói a cabeça por causa da noite passada.

— Obrigada. — Coloquei-a na ilha da cozinha, que também funcionava como mesa de jantar e já estava posta para dois. — Posso guardar o teu casaco?

Ele despiu um casaco de lã preta com dupla gola. Por baixo tinha calças de ganga escuras e uma camisola de caxemira preta sobre uma camisa de colarinhos brancos. As roupas assentavam-lhe como se tivessem sido feitas por medida, mas ele tinha um corpo que ficava bem com roupas justas — magro e musculoso, mas não volumoso, apenas com a quantidade certa de músculos no tronco. Reparara nas suas mãos em cima da mesa na noite anterior e eram surpreendentemente elegantes para quem executava trabalhos manuais, com dedos

longos e graciosos, as unhas bem arranjadas e pulsos grossos, masculinos. O género de mãos que se podia imaginar a bater agressivamente com um martelo ou a arrancar gesso cartonado, mas também a deslizar suavemente pela nossa pele nua.

Virando-lhe as costas, esmaguei o pensamento preocupante e pendurei o casaco dele no bengaleiro, ao lado do meu.

— Cheira muito bem aqui — disse ele, examinando o fogão, onde havia dois tachos ao lume. — O que é que vamos comer?

— *Pappardelle* com salsicha, couve *kale*, e molho de tomate picante. — Fui até lá e levantei a tampa do meu molho, provando rapidamente. — Posso arranjar-te alguma coisa para beber?

— Água serve.

Tirei uma garrafa de água do frigorífico e entreguei-lha.

— Estás a reidratar-te?

Ele sorriu, encostando-se à bancada.

— Sim. Da próxima vez que eu achar que é boa ideia beber uma garrafa inteira de *Barolo* com *bourbon* para sobremesa, lembra-me da dor de cabeça que tenho hoje. E de como não pude conduzir para casa. E de como tive de ir buscar o meu carro antes da missa.

— Levantaste-te para ir à missa? Estou impressionada. — Tive de o afastar com o cotovelo para pegar numa grande tigela de servir que estava num armário baixo.

— Claro que levantei. — Tirando a tampa da garrafa de água, ele parecia chocado por eu questionar a sua devoção a Jesus. — O padre Mike e eu somos muito próximos hoje em dia.

— Oh, sim? E a que se deve isso?

— Ao facto de eu precisar de um milagre para evitar casar-me, e achar que o padre Mike podia dispor de um. Também queria que Deus me visse a ajudar a minha *Nonna* a sentar-se no banco, a ajoelhar-me para rezar, a pôr dinheiro na caixa de esmolas, a admitir que sou um pecador, etc., etc., etc. — Bebeu da garrafa de água.

Abanando a cabeça, abri o forno e tirei o pão que aquecia lá dentro.

— Não creio que Deus veja tão favoravelmente o teu género de piedade etc. que te vá fornecer um milagre. Como é que esse seria?

— O meu pai mudaria de ideias acerca desta treta de assentar. Eu poderia viver a minha vida como quero.

— Pensei que tinhas dito que querias uma família — disse eu, pegando na faca para partir o pão.

— E quero. Mas porque é que ele tem de escolher esta arbitrariedade? Porque não posso fazê-lo quando estiver preparado?

— Parece injusto — disse-lhe eu. — Por outro lado, o mesmo se passa com esta coisa do relógio biológico. Os homens podem ser pais com segurança muito depois da idade em que as mulheres podem conceber filhos com facilidade.

— Sim, isso também parece uma treta — concordou ele. — Queres que te ajude em alguma coisa?

Olhei por cima do ombro, erguendo uma sobrancelha.

— Sabes cozinhar?

— Sim, sei. — Ele revirou os olhos. — Saí de casa dos meus pais quando tinha 18 anos. Teria morrido de fome se não tivesse aprendido a cozinhar.

— Nesse caso, podes ver a massa? Acho que deve estar pronta. — Olhei-o por cima do ombro. — Tira um garfo dessa gaveta à tua direita.

Ele pousou a garrafa de água, lavou as mãos no lava-loiça e tirou um garfo da gaveta. Depois de a fechar com a anca, levantou um longo fio de *pappardelle* da panela a ferver no fogão. Deixou-o arrefecer por um segundo, arrancou-o do garfo com os dedos e mordeu uma ponta. Depois acenou com a cabeça.

— Está pronta.

— OK, apaga o lume desse bico, por favor. E também o do molho.

Ele fez o que lhe pedi enquanto eu tentava chegar às tigelas de massa na terceira prateleira. Mas estava de sabrinas e nem sequer lhes tocava com as pontas dos dedos. A minha cozinha era pequena, mas tinha sido feito um bom aproveitamento do espaço vertical, o que significava que havia armários até ao teto. Normalmente, eu subiria para a bancada de pedra, mas não queria fazê-lo com o Enzo aqui.

— Precisas de ajuda?

Cerrei os dentes.

— Sim.

Ele veio por trás de mim, tão perto que senti o cheiro da sua colónia, o que fez as minhas partes femininas acordarem de um sono profundo, e retirou facilmente duas tigelas baixas, colocando-as à minha frente.

— Aí tens. Devias ter mandado instalar aqui um escadote rolante. Como na biblioteca.

— Muito engraçado. Se queres ser útil, pega naquele escorredor e escorre a massa. Reserva uma chávena de água.

Respirando mais facilmente quando ele se afastou de mim, coloquei o pão fatiado num cesto forrado com um guardanapo de linho e pousei-o na mesa. A salada e os respetivos pratos já estavam postos, assim como os pratos para o pão, copos de vinho e água e talheres.

De volta à cozinha, passei cuidadosamente ao lado dele e retirei alguns utensílios de uma gaveta. Não tinha a certeza de qual era o meu problema esta noite, mas era importante manter-me ciente de que ele estava aqui apenas para tratar de negócios. Não era um jantar romântico. Quase nem éramos amigos. E só porque tinha passado *mesmo* muito tempo desde que eu tivera intimidade com um homem, isso não justificava que eu estivesse a pensar como é que ele ficaria nu.

— Queres isto no molho? — perguntou ele, segurando o escorredor cheio de *pappardelle* fumegante.

— Sim. Obrigada. — Observei-o enquanto ele despejava cuidadosamente a massa para dentro do molho. — Eu faço o resto. Podes sentar-te, se quiseres.

— Está bem. — Ele pousou o escorredor no lava-louça. — Posso servir-te um copo de vinho?

— Sim, claro. — Queria manter as minhas faculdades mentais bem aguçadas esta noite, mas achei que apenas um copo de vinho não faria mal. Até podia ajudar a acalmar qualquer atração física que eu sentisse por ele.

— Saca-rolhas?

Tirei-o de uma gaveta e entreguei-lho, com o cuidado de não deixar os nossos dedos tocarem-se. Enquanto ele abria o vinho, desviei os olhos e respirei fundo antes de terminar a massa, transferindo-a para a tigela de servir e ralando um pouco mais de parmesão para o prato. Tirei do frigorífico um pouco de manjeriço fresco e piquei rapidamente um punhado dele, salpicando-o no cima. Quando me virei, o Enzo tirou-me das mãos a grande e pesada tigela e pousou-a na ilha.

— Tem um aspeto incrível.

— Não precisas de te mostrar tão surpreendido. — Sentei-me num dos bancos da bancada e bebi um gole do vinho que ele me servira.

— Era um elogio — disse ele, franzindo a testa. — Estás a ver, esse é o problema com as mulheres. Tentas dizer algo simpático e elas não sabem dizer apenas obrigada.

— Tentarei lembrar-me disso — murmurei, grata por ele dizer algo que me recordou porque é que eu *nunca* estaria romanticamente interessada nele.

Nunca, repeti, vendo aquelas mãos servirem salada e massa para ambos.

Nunca.

Nunca.

Nunca.

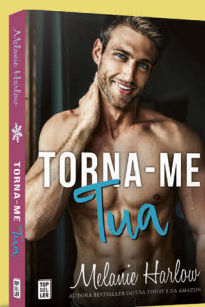
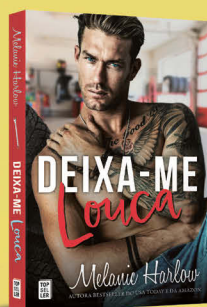
**ELE PROCURA UMA NOIVA.
ELA PRECISA DE UM GRANDE FAVOR.
UNIR ESFORÇOS PARECE SER O PLANO PERFEITO.**

Enzo Moretti precisa de se casar rapidamente. Para poder herdar a empresa da família, tem de cumprir as condições definidas pelo pai: encontrar uma mulher e assentar antes de fazer 35 anos. Desesperado e quase a ficar sem tempo, decide pedir a namorada da altura em casamento, mas ela recusa de imediato, deixando-o sem saber o que fazer.

A solução mais improvável surge quando se cruza com Bianca DeRossi, a mulher que há anos lhe mexe com o sistema nervoso. Depois de ouvir a história de Enzo, Bianca, sentindo a pressão do seu relógio biológico, faz-lhe uma proposta irrecusável: um casamento de fachada, com uma duração predefinida e objetivos muito concretos. Mas existem algumas condições, como não se envolverem fisicamente e nunca se apaixonarem.

Parecia o plano perfeito. Peritos em irritar-se um ao outro desde que se conhecem, sabiam que não correriam esse risco. Mas passar da teoria à prática nem sempre é fácil... e infringir as regras impostas pode ser muito gratificante.


**Não perca,
da mesma autora:**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 topseller.suma

 penguinlivros

ISBN 9789897874413



9 789897 874413 >